

Ensaio demonstram complexidade da tradição oral¹



Armadilhas da Memória (Conto e poesia popular). Jerusa Pires Ferreira. Salvador, Casa de Jorge Amado, 1990.

por **Nelson Ascher**

Platão, ao que consta, teria lamentado a difusão da escrita como elemento abolidor da memória. Se imaginarmos que a escrita tem lá seus 4 ou 5 mil anos e que a linguagem articulada pode ser pelo menos dez vezes mais antiga, só nos restará constatar que todo o universo imaginário e simbólico da humanidade foi guardado – transformando-se, provavelmente, de modo contínuo – durante a maior parte de sua existência na memória biológica.

A idéia de que a cultura popular tem lógica e dinâmica complexas surgiu na mesma época em que os pioneiros do estudo das línguas descobriam parentescos entre o grego, o latim, o sânscrito, o persa avéstico e as demais línguas indo-européias. Foram, portanto, os românticos, como os irmãos Grimm ou Vuk Karadzic, que começaram

¹ Resenha publicada pela *Folha de São Paulo*, 8 de junho de 1991.

a coletar sistematicamente as narrativas populares, lançando os primeiros fundamentos de uma futura tipologia genética, estrutural etc. Estudiosos do século 20, sobretudo russos, como Propp, e franceses, como Lévi-Strauss, trataram de pôr ordem na casa, dissecando, analisando, catalogando, comparando narrativas, poemas, estórias populares (orais e escritas) de todos os cantos do planeta. Seus resultados iniciais foram surpreendentes, lançando nova luz sobre a unidade, a diversidade e a universalidade da cultura popular do Homo sapiens.

Essa mina aparentemente inesgotável mal começou a ser explorada. Mais interessante, porém, do que as ainda impensáveis conclusões definitivas é o próprio processo de investigação. Os três ensaios reunidos em *Armadilhas da Memória (Conto e Poesia Popular)*, de Jerusa Pires Ferreira, são prova eloqüente da fertilidade dessa investigação. Estudando casos nordestinos à luz da moderna narratologia e da folclorística, devidamente associadas às conquistas recentes da poética e da lingüística, a autora revela aspectos inusitados de um universo particularmente rico.

“A Força da Memória e do Esquecimento” esmiúça um modelo narrativo cujo centro – a dialética do esquecimento e da lembrança – constitui também ponto nodal de todo o problema da cultura oral. O modelo em questão, repetido e multiplicado em milhares de narrações diferentes, é a estória do jovem – príncipe, em geral – que, capturado pelo diabo, é salvo por sua filha; desposando-a, ele é por ela advertido de que não deve se deixar tocar (ou beijar, abraçar) por qualquer outra mulher, sob pena de se esquecer de sua consorte; dá-se, no entanto, o contato proibido e a esposa volta para lembrá-lo,

redimindo-o ou castigando-o. Não poderia haver modelo mais adequado para descrever os riscos que uma tradição oral sempre ocorre em face de seu arquiinimigo: a desmemória.

Em “O Reino do Vai Não Torna”, Jerusa traça a origem de uma imagem do perigo – que é também uma ordália – à “matéria de Bretanha”, ou seja, o ciclo arturiano de origem celta que há centenas de anos fascina a imaginação ocidental. Além de demonstrar a capacidade das tradições orais de se difundirem, interpenetrarem e propagarem, ela comprova também como uma imagem, de origem tão distante a ponto de se tornar quase abstrata, pode vir a traduzir uma nova realidade concreta, isto é, como a terra erma, estéril e desolada do rei Artur converte-se, no nordeste brasileiro, em descrição adequada da morte e da vida severina.

O mérito principal do último texto da coletânea, “Um Gosto de Disputa”, está não só em explicitar as relações entre tradição popular e tradição culta, mas sobretudo, em evidenciar como o difícil “craftmanship” (técnica, engenho) dos poetas populares se situa, enquanto conhecimento material da linguagem, acima tanto de suas carências cognitivas de registros mais elaborados do idioma (inclusive de muitas camadas semânticas) quanto da imagem simplista que de seu ofício fazem os ideólogos de certa inocência primeva. O conjunto dos ensaios exemplifica principalmente quão mais complexas se tornaram as relações entre memória e escrita do tempo de Platão até o nosso.

Nelson Ascher é poeta, ensaísta, tradutor e jornalista.